

EDUCAÇÃO FINANCEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DE MATERIAIS UTILIZADOS NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE RECIFE

Joseilda Machado Mendonça¹

GD15- Educação Financeira

Resumo: O presente estudo é parte de uma dissertação em andamento, que analisa materiais para trabalhar a Educação Financeira na Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino do Recife (RMER). A pesquisa tem como objetivo geral analisar como é proposto o trabalho com Educação Financeira nas atividades dos materiais disponibilizados a professores, famílias e crianças da Educação Infantil na RMER. Especificamente, objetiva categorizar as atividades presentes nos materiais, de acordo com os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000); discutir as orientações para os professores nas atividades dos materiais; e verificar se há e quais são as orientações para os cuidadores/familiares presentes nos materiais. Como método, observamos os kits de materiais, selecionando quatro com o critério de apresentarem atividades. Foram escolhidos: Caderno do Educador, Almanaque da Criança, Gibizão, Guia dos Cuidadores, os quais totalizam 53 atividades. Verificamos e discutimos as orientações aos professores e mediadores, aos cuidadores e familiares, as indicações de vivências com as crianças e categorizamos e discutimos as atividades de acordo com os ambientes de aprendizagem propostos por Skovsmose. Como resultados encontramos atividades com características de exercício e com potencial para explorar cenários para investigação, ambos com referência à realidade e à semirrealidade. As orientações ao professor no material, de um modo geral, apresentam uma perspectiva reflexiva. Concluimos que o material já analisado, Caderno do Educador, apresenta possibilidades para um trabalho dialógico e interativo, no entanto, não conseguimos perceber a adequação das atividades às crianças de três anos.

Palavras-chave: Educação Financeira. Educação Infantil. Materiais. Atividades. Educação Matemática Crítica.

INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto de um estudo em andamento e integra um conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos em Desenvolvimento e Aprendizagem de Matemática na Educação Básica – GREDAM, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Cristiane Pessoa, na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. O grupo vem mapeando a temática Educação Financeira (EF) em materiais específicos de EF e livros didáticos; desenvolvendo estudos de sondagem sobre conhecimentos de professores e de alunos no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, bem como sobre aulas de EF nestas etapas de escolarização; desenvolvendo estudos de intervenção com estudantes e formação de professores. A presente pesquisa dá

¹ Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica – Edumatec; Mestrado acadêmico; ildinhalindinha30@gmail.com; orientadora: Cristiane Pessoa.

seguimento ao mapeamento de materiais específicos de EF e tem como objeto de estudo um conjunto de materiais que destinam-se à Educação Infantil (EI).

O material em análise é do Programa denominado Sonhar, Planejar, Alcançar Fortalecimento Financeiro para as famílias, experiência vivenciada na Rede Municipal de Ensino de Recife (RMER) nos anos de 2015 a 2018, com novo ciclo ocorrendo em 2019-2020. O público-alvo são crianças de três a seis anos. O programa é composto de formações para docentes e o uso de três kits, que contemplam professor, cuidadores/familiares e crianças. O material foi produzido em parceria entre Sesame Workshop, MetLife Foundation, Dsop e TV Cultura (materiais com direitos reservados à Sesame Workshop e Dsop). Este material é utilizado em outras capitais de estados brasileiros e em outros países.

Trabalhar a EF na EI atende ao que está proposto no documento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2005), o qual afirma que “as pessoas devem ser educadas sobre questões financeiras o mais cedo possível em suas vidas”, e coaduna com o Plano Diretor da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) (BRASIL, 2010), no qual está a indicação de que a EF deve iniciar na escola regular, referendando-se no documento da OCDE que assevera, como citado acima, que seja o mais cedo possível.

Consideramos que as crianças da EI podem vivenciar experiências nas quais sejam trabalhadas temáticas da EF, pois elas são indivíduos aos quais devem ser oportunizadas situações em que elas sejam protagonistas, possam se expressar, investigar e dialogar. Esse pressuposto encontra sustentação nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2009), a qual afirma que a criança da EI é considerada como “sujeito histórico e de direitos, que interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2009). A concepção de uma criança ativa e protagonista é defendida no Currículo de Pernambuco (PERNAMBUCO, 2019), aprofundando e reafirmando o que está posto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual a criança é ser que “observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos, assimila valores, constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social” (BRASIL, 2017, p.34).

Ao propor que a criança deve construir conhecimento por meio de ação e interação, adotamos como perspectiva teórico-metodológica a Educação Matemática Crítica (EMC) preconizada por Ole Skovsmose. O autor propõe que o ensino da Matemática deve pautar-se no diálogo, na ação e na reflexão. Concebemos que o trabalho com a EF na EI precisa pautar-se na visão dialógica proposta por Skovsmose, na qual ele destaca a ação dos estudantes, partindo de suas vidas reais. O recorte teórico que embasa o projeto são os ambientes de aprendizagem.

Diante do que anteriormente foi explanado, temos como problema de pesquisa: Como é proposto o trabalho de Educação Financeira nas atividades que compõem os materiais disponibilizados pela Rede Municipal de Ensino de Recife aos docentes, famílias e crianças da Educação Infantil? Objetivamos com nossa investigação analisar como é proposto o trabalho com Educação Financeira nas atividades dos materiais disponibilizados a professores, famílias e crianças da Educação Infantil na Rede Municipal de Ensino do Recife. Especificamente, objetivamos (1) Categorizar as atividades presentes nos materiais, de acordo com os ambientes de aprendizagem de Skovsmose (2000); (2) Discutir as orientações para os professores nas atividades dos materiais; (3) Verificar se há e quais são as orientações para os cuidadores/familiares presentes nos materiais.

O texto está organizado com esta introdução, uma seção sobre EF, na qual discutiremos documentos oficiais e alguns estudos, em seguida discutimos a EMC como embasamento teórico-metodológico, logo após detalharemos o nosso método e seus critérios de categorização e apontaremos alguns resultados já obtidos. Encerraremos o texto com algumas considerações.

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Documentos oficiais

A expansão da EF no Brasil é motivada pela OCDE, a qual vem discutindo a necessidade de uma educação financeira em nível mundial e propondo algumas ações para os países membros e parceiros. O Brasil é um dos países parceiros e tem acordo de cooperação, o que motivou o país a instituir, em 2010, a ENEF “[...] com a finalidade de promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores”, conforme o Artigo 1º do Decreto 7397/10 (BRASIL, 2010). O Brasil passa a adotar o conceito de EF cunhado pela OCDE, como

o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e dos riscos nele envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda, adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consciente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (OCDE, 2005, p.13).

Um dos desdobramentos da ENEF na ampliação e consolidação na EF no Brasil, foi a inclusão da temática na BNCC homologada em 2017. O documento normativo e mandatório estabelece as bases da Educação Básica brasileira e a EF é colocada como tema transversal e integrador, como podemos ler a seguir,

cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora [...] bem como saúde, vida familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (BRASIL, 2017, p. 19-20).

A EF sendo estabelecida como tema transversal e integrador na BNCC possibilita sua implementação nos documentos estaduais e municipais, alguns em discussão outros recentemente reformulados. No caso do Currículo de Pernambuco (2019), a EF está contemplada em um bloco que estabelece Educação para o Consumo, Educação Financeira e Educação Fiscal. A seguir apresentaremos alguns estudos que discutem o conceito de EF e quais pressupostos ela deve ter ao adentrar o espaço escolar.

Pesquisas sobre Educação Financeira

Pessoa (2016) discute a importância de uma EF que seja pautada na reflexão e contemple aspectos como consumo consciente, escolhas, desejo x necessidade. Pessoa (2016) faz o estado da arte de pesquisas apresentadas em teses e em dissertações sobre EF desenvolvidas entre 2013 e 2016 e apresenta como um dos resultados que poucas pesquisas foram feitas com o foco na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Chiarello (2014) realizou uma pesquisa-ação participante e vivenciou um grupo de formação de professores em uma escola pública. O processo envolveu 22 professores da EI e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O trabalho baseou-se na EMC e a formadora-pesquisadora planejou coletivamente, com os participantes, um projeto de EF. A autora aponta que a EF deve ser um projeto coletivo, que trabalhar com projetos potencializa as incertezas docentes que são utilizadas como molas propulsoras para pesquisas e reflexões.

Silva (2017) ao analisar os livros da ENEF do Ensino Médio, e Santos (2017) ao analisar os livros do Programa Nacional do Livro Didático (2016), pautaram-se na EMC com ênfase nos ambientes de aprendizagem. Ambas constataram, entre outros resultados, a necessidade de melhor organização dos livros e manuais dos professores para que os docentes possam aprofundar o trabalho de maneira mais crítica e reflexiva.

Os livros da ENEF para os anos iniciais do Ensino Fundamental foram analisados por Silva, Pessoa e Santos (2018), 4º e 5º anos, e Vieira, Oliveira e Pessoa (2019), 1º ao 3º anos. Ambos os estudos pautaram-se em uma perspectiva crítica e verificaram que o material do MEC para os anos iniciais do Ensino Fundamental apresentam uma perspectiva pedagógica transdisciplinar que permite que a EF seja trabalhada de forma integradora nas diversas áreas do conhecimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Educação Matemática Crítica

A EMC proposta por Skovsmose (2000) é colocada como alternativa à Matemática tradicionalmente praticada, que é baseada na explanação do conteúdo pelo docente e seguido de uma lista de exercício que deve ser resolvida pelos alunos, exercícios esses que têm, de um modo geral, apenas uma resposta correta. Nesta perspectiva tradicional da Matemática, ela é instrumento de poder e exclusão e vem aliada à ideologia da certeza, que, segundo Skovsmose (2001) é uma atitude para com a Matemática na qual se apregoa a supremacia dos números, tendo eles o poder do argumento final em qualquer situação. Skovsmose então propõe que a Matemática seja instrumento da democracia e de discussões das questões sociais e políticas e que favoreça a participação dos estudantes por meio da leitura de mundo, da participação social por meio da Matemática.

Para Skovsmose (2000) a Matemática deve partir de uma perspectiva dialógica, crítica, reflexiva e investigativa. Ele aponta que ao optar pela investigação, professores e estudantes passam a caminhar por terrenos desconhecidos, com respostas não dadas e diversas e que estas abrem múltiplas possibilidades, podendo, assim, ser construídos novos significados e conhecimentos. Essa prática se afasta da passividade de ouvir explanações e responder listas de exercícios elaborados por uma autoridade alheia à realidade de sala de aula.

Ambientes de aprendizagem

Skovsmose (2014) define os ambiente de aprendizagem, os quais são frutos de dois paradigmas e de três tipos de referência. Os paradigmas identificados são exercícios e cenários para investigação. O exercício limita os estudantes a buscarem responder de forma mecânica a lista de exercícios; nos cenários para investigação são priorizados o diálogo, a reflexão, a crítica e a investigação. “Em geral, constatamos que cenários para investigação incentivam o diálogo” (SKOVSMOSE, 2014, p.101). Skovsmose (2014) destaca que para que os cenários para investigação se efetivem é necessário o convite do professor e a aceitação pelos alunos.

As referências apontadas por Skovsmose são matemática pura, semirrealidade e realidade. Na referência à matemática pura, o ensino é focado na própria Matemática; a referência à semirrealidade baseia-se em situações hipotéticas e com finalidade didática; na referência à realidade a base do trabalho são as experiências e contextos do cotidiano dos envolvidos. A seguir apresentamos o quadro proposto pelo autor com interrelações entre os paradigmas e as referências.

Quadro 1 - Ambientes de aprendizagem segundo Skovsmose (2000)

	Exercícios	Cenários para Investigação
Referências à matemática pura	(1)	(2)
Referências à semirrealidade	(3)	(4)
Referências à realidade	(5)	(6)

Fonte: SKOVSMOSE, 2000, p. 8.

De acordo com o quadro há seis ambientes nos quais a Matemática pode ser trabalhada. O ensino pode partir de exercícios fechados na matemática pura, no ambiente de tipo (1); de exercícios de matemática pura, mas que podem possibilitar reflexões, críticas, investigações e diálogos, no ambiente de tipo (2). Os ambientes (3) e (4) pautam-se em situações hipotéticas, no entanto o (3) apresenta, de um modo geral, apenas uma única resposta certa e no (4) as possibilidades se ampliam pelo diálogo e reflexões. Os ambientes (5) e (6), são baseados nas experiências e contextos cotidianos dos estudantes, o ambiente (5), utiliza-se desta realidade, trabalhando com exercícios, nos quais haverá apenas uma resposta correta, e no ambiente (6), nos cenários para investigação com referência à realidade, haverá momentos de diálogo, reflexão, crítica e investigação.

MÉTODO

O material em análise faz parte de um conjunto de três kits que são direcionados a professores, familiares/cuidadores e crianças. Utilizamos o conceito de atividade didática de Monteiro como critério de escolha dos materiais para análise. Segundo a autora,

atividades didáticas constituem meios de organização do trabalho pedagógico em sala de aula, que concretizam um conjunto de procedimentos específicos, próprios da situação de ensino-aprendizagem e servem como mediadoras da relação entre os alunos e um objeto de conhecimento ou entre as relações sociais inerentes ao contexto pedagógico (MONTEIRO, s.d.).

A partir deste conceito, consideramos atividades as situações de ensino-aprendizagem propostas e que serviam de mediadoras entre as crianças e as temáticas de EF. Temos clareza de que a denominação de atividades atende a nós, professores e pesquisadores, mas para as crianças são vivências, experiências, momentos de ludicidade, brincadeiras e interações.

Selecionamos quatro materiais, Caderno do Educador, Almanaque da Criança, Gibizão e Guia dos Cuidadores e analisamos as atividades e as orientações ao professor e/ou aos familiares/cuidadores. No presente texto detalharemos o Caderno do Educador e atenderemos parcialmente aos objetivos específicos estabelecidos, uma vez que um dos objetivos se relaciona ao material destinado aos familiares/cuidadores.

Para categorizarmos as atividades em relação aos ambientes de aprendizagem baseamo-nos na sistematização de Santos (2017) em seu estudo. Assim, adotamos os critérios descritos a seguir. Referência à semirrealidade – atividades que se baseiam em situações hipotéticas, que envolvam personagens, que tragam reproduções da realidade, mas que tenham finalidade didática, sem uma preocupação com a veracidade das informações ou dados. Referência à realidade – atividades que abordam as vivências dos estudantes, suas experiências e suas opiniões. Paradigma do exercício – atividades que não indicam a reflexão nem o diálogo. Cenários para investigação – atividades que pautam-se do diálogo e na reflexão, nas quais as crianças são convidadas a explicarem suas ideias e opiniões. Os cenários para investigação se materializam no convite do professor aceito pelos estudantes, assim, as atividades que classificarmos neste paradigma são consideradas com potencial para cenários para investigação, pois são atividades de livro/material didático. Por estarmos tratando de materiais destinados à EI, os ambientes de aprendizagem (1) e (2) não comporão os categorias de análise, pois, a EI está organizada oficialmente em *Direitos de Aprendizagem* e *Campos de Experiência*, e as vivências são pautadas em brincadeiras e interações, isso exclui a referência à matemática pura.

Apesar de os ambientes de aprendizagem se relacionarem à Matemática, o nosso olhar para as atividades é mais amplo, pois temos a clareza de que na EI as crianças devem vivenciar situações do mundo natural e social, assim a EF está relacionada ao mundo social no qual a criança está inserida. Ao embasarmos a análise da EF na EI com os pressupostos da EMC com o recorte dos ambientes de aprendizagem, entendemos que uma prática significativa deve ser baseada na realidade em que estão inseridas as crianças; no protagonismo delas, no diálogo; na reflexão e na crítica. Esta prática não deve ser restrita apenas aos conteúdos e conhecimentos matemáticos, mas, deve pautar os conhecimentos que deverão ser oportunizados às crianças, dentro dos seus *Direitos de Aprendizagem* e organizados nos *Campos de Experiência*. Se a EF é parte do mundo social das crianças, que o trabalho com as crianças seja por meio de brincadeiras e interações, e dentro de sua realidade, ou em uma semirrealidade, que permita a elas construir significados e vivenciar momentos de diálogo e reflexão, sendo estes possibilitados por professores que tenham uma perspectiva dialógica, reflexiva e crítica.

RESULTADOS

Análise e discussões do Caderno do Educador

As 16 atividades do Caderno do Educador, dividem-se em três eixos. O eixo Sonhar apresenta as atividades de 1 a 4, o eixo Planejar traz as atividades de 5 a 9 e o eixo Alcançar contempla as atividades de 10 a 16. Ao aplicarmos os critérios detalhados no método, obtivemos os dados apresentados a seguir.

Quadro 2 - Frequência de atividades por ambientes de aprendizagem no Caderno do Educador

	EXERCÍCIO	CENÁRIOS PARA INVESTIGAÇÃO
Matemática pura	Ambiente (1) – 0 atividade	Ambiente (2) – 0 atividade
Semirrealidade	Ambiente (3) – 0 atividade	Ambiente (4) – 3 atividades
Realidade	Ambiente (5) – 2 atividades	Ambiente (6) – 11 atividades

Fonte: As autoras.

As atividades classificadas de acordo com os critérios apontam uma concentração nos ambientes 4, 5 e 6. Tais ambientes possibilitam um trabalho mais contextualizado com os estudantes, como é indicado por Chiarello (2014) ao afirmar que a EF deve se pautar no contexto da vida cotidiana dos estudantes, possibilitando o desenvolvimento de sua criticidade.

Podemos destacar ainda que as atividades nestes três ambientes possibilitam situações de diálogo, expressão, interação e troca de ideias, que fomentam a reflexão. Por exemplo, no trecho

da atividade que destacamos a seguir, no Quadro 3, podemos verificar alguns aspectos que pensamos ser importantes nesta atividade categorizada como Ambiente 4, semirrealidade com cenários para investigação. A temática de desejo x necessidade pode ser vivenciada na atividade.

Quadro 3 - Orientações para professor, atividade 12: Uma vendinha especial

1. Pergunte às crianças se elas costumam acompanhar os seus familiares/cuidadores nas compras domésticas, seja em feiras, supermercados ou vendas. Tente descobrir se elas escolhem produtos e/ou participam das decisões sobre o que deve ou não ser comprado. Investigue se elas sabem que comprar significa trocar o dinheiro por alguma coisa. Se necessário, explique isso a elas.
2. Apresente às crianças notas e moedas correntes e explique que as de mesma cor, tamanho e com os mesmos desenhos têm sempre o mesmo valor. Algumas valem mais e outras valem menos.
3. Mostre para as crianças alguns produtos que elas encontram nas suas casas: alimentícios, de higiene etc. Explique que os produtos têm preços diferentes, que geralmente aparecem nas etiquetas. Enfatize que quando alguma coisa tem o preço mais alto, isso não significa que ela tem melhor qualidade do que outra coisa que tem o preço mais baixo.
4. Em seguida, distribua aleatoriamente pela sala diversos produtos ou embalagens. É importante que tenham objetos do dia a dia que são necessários para as crianças (que elas necessitam para sobreviver): comidas saudáveis, água, sabonete, escova de dentes, roupa e o que mais você lembrar. Além disso, use também objetos que elas gostariam de ter (mas que não são tão essenciais). Uma opção é solicitar que as crianças tragam algumas embalagens ou produtos de suas casas.
5. Desafie as crianças a organizarem uma vendinha, classificando os produtos por alimentos, higiene, limpeza, vestimenta etc. Depois, marquem nas etiquetas dos produtos os seus preços, de modo que sempre correspondam aos valores exatos das moedas e notas do Almanaque da Criança.
6. Se quiser, para ficar mais divertido, criem um cartaz com o nome da venda e brinquem como se uma caixa de papelão fosse a registradora. Vocês também podem pintar da mesma cor as notas e as moedas de valor igual.
7. Depois que a vendinha estiver organizada, recorte as notas e moedas do almanaque e divirtam-se nas compras! Pintem as notas e moedas com cores diferentes, para ajudar a identificá-las. Neste caso, as etiquetas dos produtos também podem ser coloridas, de modo a relacionar o preço aos valores das notas e moedas. Se for apropriado à faixa etária, antes de começarem as compras na vendinha, é possível montar uma lista de compras ilustrada, com produtos que correspondem às necessidades básicas e produtos que correspondem aos desejos das crianças.

Fonte: Sesame Workshop. Caderno do Educador, 2015, p. 40-41

A atividade orienta o professor para que promova situações nas quais as crianças brinquem e interajam, além de vivenciarem uma experiência que simula um espaço de compra e venda. A temática indicada para ser trabalhada é o desejo x necessidade, mas outros aspectos podem ser levantados como um contato inicial com cédulas e moedas de maneira lúdica. A atividade proposta efetiva as indicações nos textos legais que as experiências da EI baseiem-se em brincadeiras e interações. Um ambiente brincante e interativo torna-se convidativo para as crianças dialogarem com seus colegas.

No entanto, algumas atividades não orientam o docente a criar situações que instiguem a reflexão, por exemplo as que se situam no ambiente (5), exercício com referência à realidade. A seguir, no Quadro 4, temos um exemplo de atividade na qual o professor vai apenas direcionando um roteiro de perguntas.

Quadro 4 - Orientações para professor, atividade 1: Sonho do Elmo

1. Apresente para as crianças o primeiro quadrinho da Tirinha 1 – Plantando para o futuro... “Era uma vez um amigo chamado Elmo, que teve uma grande ideia. Ele sonhou em plantar uma horta com a sua amiga Bel.”
2. Depois, aponte os demais quadrinhos para as crianças – seguindo a sequência – e convide-as a continuarem a história, contando o que elas observam. Estimule-as com perguntas, como “Quem aparece aqui?”. “O que eles estão fazendo?”.
3. Interprete a história com as crianças, para verificar se elas compreenderam: “Qual era o sonho de Elmo?”. “O que ele fez para alcançar esse sonho?”. “O que ele utilizou?”. “Quem o ajudou?”. “Ele conseguiu realizar o sonho dele?”.
4. Usando os fantoches do kit, pergunte às crianças quais são os sonhos delas.

Fonte: Sesame Workshop. Caderno do Educador, 2015, p. 22

O ponto 4 da orientação sugere que o/a docente solicite as crianças a falarem sobre seu sonho. Esse sonho pessoal, leva à categorização da atividade para a referência à realidade. Não há a indicação de que o docente favoreça reflexão sobre alcançar ou para que a criança justifique sua escolha e desejo em relação ao seu sonho. A atividade pode ser extrapolada pelo docente, no entanto a indicação é apenas de que o professor questione as crianças sobre qual é o sonho delas.

O maior bloco de atividades, 11 no total, é das que estão categorizadas como ambiente (6), cenários para investigação com referência à realidade. Lembramos que categorizamos estas atividades como *potencial* para cenários para investigação, pois este ambiente só se concretiza no convite do professor e na concordância dos estudantes, quando a aula efetivamente acontece.

Nas orientações aos docentes, é sugerido que eles possibilitem às crianças momentos e situações nas quais elas experimentem, levantem hipóteses, expressem-se e reflitam. Observemos no quadro a seguir a atividade 3, Descobrimo o que é um sonho.

Quadro 5 - Orientações para o professor, atividade 3: Descobrimo o que é um sonho

1. Organize o ambiente de forma que as crianças fiquem confortáveis. Use tapetinhos, colchonetes ou almofadas.
2. Cante ou coloque uma música suave para ajudar no relaxamento.
3. Solicite que as crianças fechem os olhos e pensem em coisas que gostariam de ter, de ser ou de fazer.
4. Depois, dê a elas revistas ou jornais velhos e peça que procurem ilustrações que representem os seus sonhos e peça que as recortem.
5. Em roda, estimule cada criança a apresentar aos amigos as imagens que recortou.
6. Classifique as ilustrações junto com as crianças, problematizando o que é cada uma delas:
 - a. sonhos materiais e sonhos não materiais
 - b. sonhos individuais e sonhos coletivos

Fonte: Sesame Workshop. Caderno do Educador, 2015, p. 24

O exemplo indica que as situações investigativas podem partir das realidades colocadas pelas crianças e buscarem maneiras de representarem seus sonhos. Essa busca traz consigo o elemento investigativo. Neste momento as crianças poderão vivenciar um profícuo momento de diálogo e reflexão, pois ao pensarem sobre sonhos materiais e imateriais abre-se a

possibilidade de ampliar a reflexão para aspectos mais afetivos e ao tratar de sonhos individuais e coletivos, abre-se a possibilidade de tratar temas como solidariedade e cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os materiais em análise atendem ao que é proposto pelos documentos legais da EI, pauta-se em interações e brincadeiras, em relação ao trabalho com EF. O material até agora analisado teve a maioria das suas atividades classificada em ambientes de aprendizagem dialógicos, interativos e reflexivos.

As atividades propostas trazem orientações aos docentes, possibilitando que eles efetivem um trabalho de EF com suas crianças, aproximando-se da perspectiva adotada pelos estudos que deram suporte à nossa pesquisa. Destacamos a dificuldade de visualizarmos crianças de três anos na maior parte das atividades, por estas exigirem níveis de concentração, reflexão e abstração.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências.** Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm>. Acesso em: 12 Jun. 2016.

BRASIL. **Anexos do Plano Diretor da Estratégia Nacional de Educação Financeira.** 2013. Disponível em <http://www.vidaedinheiro.gov.br/wp-content/uploads/2017/08/Plano-Diretor-ENEF-anexosATUALIZADO_compressed.pdf>. Acesso em: 20 de Jan. 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC.** Ministério da Educação Brasília, DF, 2017.

BRASIL. LEI Nº 12.796, DE 4 DE ABRIL DE 2013. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm>. Acesso em 25 Jun. 2017.

BRASIL. Resolução no.5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União.** Brasília, 2009.

CHIARELLO, Ana Paula R. **Educação financeira crítica: novos desafios na formação continuada de professores.** Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Educação da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ, 2014.

MONTEIRO, Sara M. **Atividade Didática. Dicionário Ceale.** Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) | Faculdade de Educação da UFMG. ISBN: 978-85-8007-079-8. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/atividade-didatica>>. Acesso em: 23 Jun 2019.

OCDE/OECD – Organization for Economic and Co-Operation Development. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness.** July, 2005. Disponível em: <<https://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>>. Acesso em: 16 Feb 2019.

PERNAMBUCO. **Currículo de Pernambuco. Caderno de Educação Infantil.** Secretaria de Educação e Esportes. 2019. Disponível em <<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/17691/CURRICULO%20DE%20PERNAMBUCO%20-%20EDUCA%20C3%87%20C3%83O%20INFANTIL.pdf>>. Acesso em 22 Ago. 2019.

PESSOA, Cristiane. Educação Financeira: o que se tem produzido em mestrados e doutorados defendidos entre 2013 e 2016 no Brasil? In: CARVALHÊDO, J.; CARVALHO, M. V.; ARAUJO, F. (orgs.) **Produção de conhecimentos na Pós-graduação em educação no nordeste do Brasil: realidades e possibilidades.** Teresina: EDUPI, 2016.

SANTOS, Laís Thalita. **Educação Financeira em livros didáticos de Matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores?** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2017.

SESAME WORKSHOP. **Almanaque da criança.** Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Metlife Foudation. Grupo Dsop. TV Cultura, 2016.

SESAME WORKSHOP. **Caderno do Educador.** Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Metlife Foudation. Grupo Dsop. TV Cultura, 2015.

SESAME WORKSHOP. **Gibizão.** Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Metlife Foudation. Grupo Dsop. TV Cultura, 2016.

SESAME WORKSHOP. **Guia para Cuidadores.** Iniciativa Sonhar, Planejar, Alcançar: Fortalecimento Financeiro para Famílias. Metlife Foudation. Grupo Dsop. TV Cultura, 2016.

SILVA, Fabiana G. PESSOA, Cristiane. SANTOS, Laís Thalita B. **Educação Financeira: um estudo dos livros do 4º e 5º anos do ensino fundamental no âmbito da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF).** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Curso de Pedagogia. Recife. 2018.

SILVA, Ingrid. **Programa de Educação Financeira nas escolas de Ensino Médio: uma análise dos materiais propostos e sua relação com a Matemática.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2017.

SKOVSMOSE, Ole. Cenários para investigação. **BOLEMA – Boletim de Educação Matemática,** Rio Claro, n. 14, p. 66-91, 2000.

_____. **Educação matemática crítica: a questão da democracia.** Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____. **Um convite à educação matemática crítica.** Campinas, SP: Papirus, 2014.

VIEIRA, Glauciane. OLIVEIRA, Marilene. PESSOA, Cristiane. **Educação Financeira: conteúdos, áreas do conhecimento e orientações ao professor no material do MEC para os anos iniciais.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pernambuco. Curso de Pedagogia. Recife. 2017.